

CARACTERÍSTICAS DA ADOLESCÊNCIA SOB O OLHAR DOS ADOLESCENTES

CARDOSO, Clívia Nair Saraiva¹
JÚNIOR, Sidnei Nogueira de Souza¹
MEDEIROS, Renata Farias¹
VIEIRA, José Luís Henrique¹
ROSA, Dáriem Lima¹
SIMONI, Franciny da Silva¹
NARDI, Suzana Catanio dos Santos²
REYES, Amanda Neumann²
TEIXEIRA Stefania Martins²
COLLARES, Lenise Álvares ²

Resumo: Este projeto objetiva descrever a fase da adolescência, sob as perspectivas biopsicossociais e seus desafios, com referência nas bases biológicas do comportamento e na psicologia do desenvolvimento humano, através de revisão literária correspondente ao tema proposto. Após o estudo bibliográfico, foi feita uma pesquisa quantitativa e exploratória, de forma híbrida, através de um questionário semi estruturado, com o instrumento de pesquisa Google Forms, composto por doze perguntas, sendo dez fechadas e duas abertas, visando verificar o nível de informação que os adolescentes possuem sobre o desenvolvimento puberal, evolução sexual e suas possíveis consequências. Participaram dessa pesquisa 135 estudantes, na faixa etária de 12 a 18 anos de idade, sendo 78 adolescentes do sexo feminino e 57 do sexo masculino, de um Centro Integrado de Educação Pública sediado em Bagé-RS, no período de 25 a 27 de outubro de 2021. A pesquisa foi divulgada tanto pelas redes sociais quanto no estabelecimento de ensino propriamente dito. Após a aplicação do questionário, os principais resultados mostraram que existe variabilidade no desenvolvimento puberal; que entrar na fase de vida adulta pode ter significados e sentimentos diferentes entre alguns jovens; que há indícios de gravidez precoce, de abuso sexual e de abuso de drogas entre jovens dessa faixa etária; que há necessidade de maior participação da família no processo de formação da sexualidade de seus filhos, priorizando o diálogo aberto para tratar de tais assuntos.

Palavras-chave: puberdade, adolescência, evolução sexual, gravidez precoce, drogas.

Abstract: This project aims to describe the stage of adolescence, from biopsychosocial perspectives and its challenges, with reference to the biological bases of behavior and the psychology of human development, through a literary review corresponding to the proposed theme. After the bibliographical study, a quantitative and exploratory research was carried out, in a hybrid way, through a semi-structured questionnaire, with the Google Forms research instrument, consisting of twelve questions, ten closed and two open, in order to verify the level of information that adolescents have on pubertal development, sexual evolution and its possible consequences. 135 students, aged 12 to 18 years old, 78 female and 57 male, from an Integrated Public Education Center located in Bagé-RS, from 25 to 27 October participated in this research. of 2021. The research was disseminated both by social networks and in the educational establishment itself. After applying the questionnaire, the main results showed that there is variability in pubertal development; that entering adulthood may have different meanings and feelings among some young people; that there are signs of early pregnancy, sexual abuse and drug abuse among young people in this age group; that there is a need for greater family participation in the process of shaping their children's sexuality, prioritizing open dialogue to deal with such issues.

Keywords: puberty, adolescence, sexual evolution, early pregnancy, drugs.

¹ Discentes do Curso de Psicologia, 2º semestre 2021/1 - Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

² Docentes do Curso de Psicologia, Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo a psicanálise winnicottiana (1896-1971), o feto se transforma em uma criança viva que alcança a maturidade na adolescência, ocupando o seu lugar no mundo na idade adulta, até chegar à velhice e à morte (SILVA, 2016).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990), considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade.

No entendimento de Papalia e Feldman (2013), a divisão do ciclo de vida em períodos é uma invenção de uma determinada cultura ou sociedade, visto que não há nenhum momento claramente definido em que uma criança se torna adulta.

Nessa fase da vida, os adolescentes desejam se encontrar em um grupo, se relacionando com o mundo a sua volta e percebendo que o que foi apreendido não é o suficiente para posicionar-se diante dos dilemas que os envolvem (Rosa e Carmo-Huerta 2020).

Para facilitar esse desenvolvimento, é necessário que os pais contribuam com isso, proporcionando aos mesmos um cenário oportuno para crescerem e se desenvolverem da melhor forma (DE SANTANA, et al, 2021a).

Para disseminar informações sobre medidas preventivas e educativas que contribuam para a redução da incidência da gravidez na adolescência, a Lei nº 13.798 foi sancionada no dia 3 de janeiro de 2019, instituindo-se assim a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, que é rememorada anualmente na semana que incluir o dia 1º de fevereiro (CABRAL; BRANDÃO, 2020).

Em janeiro de 2020, após um intenso debate na sociedade brasileira a respeito da sexualidade na adolescência, ocorreu a proposta de abstinência (adiamento da vida sexual), uma política pública que visa o enfrentamento da gravidez na adolescência. O tópico entrou em pauta após anúncio do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) sobre a elaboração de uma Política Nacional de Prevenção ao Risco da Atividade Sexual Precoce (CONASS, 2020).

A falta de informação e orientação sexual na família e na escola acaba deixando muitos adolescentes vulneráveis a questões que vão além da gravidez não planejada. Como, por exemplo: a evasão escolar, a rejeição por parte da família, o aborto espontâneo, a mortalidade materna e a prematuridade (CONASS, 2020).

Uma outra característica dos jovens, é a necessidade de se autoafirmar frente aos demais e a fim de se encaixar em um grupo, muitas vezes seguem estilos e comportamentos de outras pessoas. Nesse contexto, há possibilidade deles aceitarem usar drogas (álcool, cigarro, maconha, etc.) para agradar e ficar mais desinibido perante os demais (PARAZZI, 2021).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Características da puberdade

Marcada por alterações físicas como o estirão do crescimento e a maturação sexual, a puberdade decorre das alterações dos níveis hormonais do indivíduo. Essas são mudanças características da adolescência e são determinadas, principalmente, por condições genéticas. Tais transformações são mais precoces no sexo feminino, sendo a primeira delas o aparecimento do broto mamário, seguido do primeiro fluxo menstrual. Já, no sexo masculino, o que ocorre primeiro é o aumento dos testículos, seguido pelo surgimento de pelos pubianos e aumento do pênis (PORTO CC, 2019).

Nessa fase da vida, mudanças físicas e hormonais dramáticas afetam o desenvolvimento do senso de identidade e os avanços e declínios cognitivos estão intimamente relacionados a fatores físicos, emocionais e sociais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Quadro 1: principais desenvolvimentos típicos no período da adolescência.

Período	Desenvolvimento físico	Desenvolvimento cognitivo	Desenvolvimento psicossocial
Aproximadamente de 11 a 20 anos de idade.	O crescimento físico e outras mudanças são rápidas e profundas. Ocorre a maturidade reprodutiva. Os principais riscos para a saúde emergem de questões comportamentais, tais como transtornos da alimentação e abuso de drogas.	A capacidade de pensar em termos abstratos e de usar o raciocínio científico. O pensamento imaturo persiste em algumas atitudes e comportamentos. A educação concentra-se na preparação para a faculdade ou para a profissão.	A busca pela identidade, incluindo a identidade sexual, torna-se central. O relacionamento com os pais geralmente é bom. Os amigos podem exercer influência positiva ou negativa.

Fonte: PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth D. Desenvolvimento Humano, 12 Edição – 2013.

Nesse sentido, de acordo com Sigmund Freud (1856-1939), que denominou isso como fase fálica da segunda infância, ocorre um evento fundamental do desenvolvimento psicossocial: os meninos desenvolvem desejo pelas mães e as meninas aos pais, ao mesmo tempo em que apresentam impulsos agressivos pelo genitor do mesmo sexo, a quem eles consideram como um rival. Esses eventos foram denominados por Freud de Complexo de Édipo e Complexo de Electra, respectivamente (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Já, segundo a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson (1902-1994), os períodos de desenvolvimento humano (crises na personalidade), que emergem segundo um cronograma maturacional, serão satisfatoriamente resolvidos para o desenvolvimento de um ego saudável. Ou seja, a adolescência é uma fase normal de conflito caracterizada por uma flutuação na força do ego. O jovem é vítima de uma consciência de identidade (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Assim sendo, sair da infância para o mundo adulto pode ou não provocar no adolescente o desejo de querer, definitivamente, perder a sua condição de criança. Assim, ele transita entre a ligação de dependência que possui com seus pais e a vontade de ser independente. Nesse caso, o jovem se vê forçado pelo próprio processo maturativo a distanciar-se da maneira como idealizou os pais (FERREIRA; NELAS, 2016).

A teoria do apego de Jhon Bowlby (1907-1990) afirma que no desenvolvimento da criança, os bebês e seus cuidadores estão biologicamente predispostos a se apegarem entre si, e o apego promove a sobrevivência da criança. Porém, o processo de apego não é específico de gênero, pois os bebês formam vínculos com qualquer cuidador consistente que seja sensível e responsivo nas interações sociais.

Sair da vida infantil e ingressar na adulta, segundo Aberastury e Knobel (1989), é um caminho apenas de ida, existindo assim, um luto pela perda do corpo que se modifica, independente de sua vontade, o que causa grande desconforto, mais facilmente percebido nas fases iniciais da adolescência; a perda identidade de criança, quando a sociedade e o próprio indivíduo passam a exigir um comportamento diferente daquele mostrado até o momento, com responsabilidades e deveres; e a perda daquela idealização dos pais da infância, sendo o momento em que o jovem percebe que seus pais não são mais seus ídolos infalíveis e passam a ser vistos como humanos, tão frágeis e capazes de errar como qualquer outro (MEIRELLES, 2021).

Além disso, no entendimento de Meirelles (2021), os autores defendem que os jovens adolescentes naturalmente apresentam uma série de manifestações emocionais e alterações comportamentais, que são consideradas normais nessa fase da vida, fazendo parte do processo de crescimento físico e psíquico, conhecidas como Síndrome da Adolescência Normal, são elas:

a) Busca de si mesmo e da identidade - a necessidade de descobrir quem é e do que gosta, com padrões transitórios de comportamento, encontros fortuitos e paixões repentinas;

b) Separação progressiva dos pais - as relações interfamiliares se modificam, desejando o crescimento e maturidade, com possibilidade de divergências e discussões, tão comuns nesta fase;

c) Tendência grupal - Enquanto afasta-se ideologicamente dos pais, o adolescente procura um grupo com o qual se identificar, onde todos usam um mesmo linguajar e vestem-se do mesmo modo;

d) Necessidade de intelectualizar e fantasiar - o pensamento concreto da infância torna-se abstrato, podendo o jovem formular hipóteses a partir de suas vivências;

e) Crises religiosas - A busca de uma dimensão religiosa pode variar do ateísmo a crenças ortodoxas, independente do credo de suas famílias, muitas vezes, a se definir no início da vida adulta, com os padrões de seus pais;

f) Distorção temporal - os jovens consideram urgentes situações não tão urgentes assim, e, por outro lado, protelam atitudes que aos adultos parecem urgentes, sendo o adolescente imediatista, vivendo para o aqui e o agora;

g) Contradições sucessivas na manifestação de conduta - o adolescente está à procura de seu papel na sociedade ainda possui a sua personalidade é maleável, que está sendo moldada através das vivências individuais;

h) Atitude social reivindicatória - nesse processo de amadurecimento há uma necessidade de autoafirmação, com a contestação dos padrões vigentes e, quando não encontra espaço pode agir com agressividade. Como, nessa fase, o adolescente ainda não se decepcionou muitas vezes, ele acredita poder transformar a humanidade;

i) Constantes flutuações de humor – através das diversas modificações, conquistas e impedimentos, vem à tona sentimentos de exaltação e euforia intercalados com depressão e solidão. É assim que o jovem vai aprendendo a ter sentimentos próprios e a elaborar as suas dificuldades; e

j) Evolução sexual - a evolução sexual vem do autoerotismo de caráter exploratório da fase inicial, passando pela relação genital descompromissada, até chegar ao relacionamento onde predomina a preocupação com o parceiro e a estabilidade emocional. É comum ocorrerem ainda não tenham uma opção sexual já definida, apesar dos relacionamentos.

2.2. Consequências da evolução sexual

Com o tempo, segundo Freud (1856-1939), na fase de latência na terceira infância, crianças redirecionam sua energia sexual para outros fins. E, após esse período, a fase genital chega e resolve a questão dos impulsos sexuais reprimidos durante a latência, ressurgindo para fluir em canais socialmente aceitos, o que Freud definiu como relações heterossexuais com pessoas de fora da família de origem (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Assim, é possível compreender como natural que haja atração sexual na adolescência, querer ter experiências corporais é próprio da idade. O namoro nessa fase, por exemplo, é algo compreensível, mas que, ao ser vivenciado, precisa ser orientado para se evitar riscos desencadeados pela experiência sexual imatura (DOMINGOS; MANOEL; ZANATTA, 2021).

Em contrapartida, a vulnerabilidade ao abuso sexual também é uma questão social que

pode ocorrer nessa fase da vida, pois, de acordo Chen et. al (2017), quando as meninas têm uma rápida transição para a puberdade elas estão vulneráveis ao abuso sexual.

Nos últimos anos, pesquisas apontam que no Brasil as taxas de fecundidade entre adolescentes de 10 a 14 anos têm se mantido constantes, diferentemente do que ocorre entre adolescentes de 15 a 19 anos de idade. Em contrapartida, afirma-se que há fortes evidências de relações sexuais não consensuais entre adolescentes de 10 a 14 anos. Ou seja, a relação entre abuso sexual e gravidez nesta faixa etária é um fato que não pode ser desprezado. Afinal, no Brasil é legalmente impossível interromper uma gravidez não pretendida, tornando a maternidade compulsória para grande parte das jovens mulheres (CABRAL; BRANDÃO, 2020).

Dentro desse contexto, segundo a coordenadora do Núcleo de Atenção à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente, Vanessa Vieira, isso é considerado um problema de saúde pública. De acordo com seu entendimento, “Os riscos à saúde da mãe e bebê são muitos, como prematuridade, anemia, aborto espontâneo, eclâmpsia, depressão pós-parto, entre outros” (CONASS, 2020).

Segundo o CONASS (2020), o índice de gestações na adolescência do Brasil é elevado em comparação com a taxa mundial, embora tenha caído – passando de 721.564 (em 2000) para 434.573 (em 2018). Atualmente, o país possui como referência a taxa de 68,4 nascimentos para cada mil adolescentes e jovens mulheres entre 15 e 19 anos, ficando acima da média latino-americana (65,5 nascimentos).

Além disso, segundo Dallo e Martins (2018), após uma pesquisa sobre a associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes, numa cidade do Sul do Brasil, existe a probabilidade de adolescentes ingerirem altas doses de álcool e terem relações sexuais ao frequentarem festas e encontros de amigos, apontando maior risco deles sofrerem consequências por suas condutas.

Em suma, à medida que os indivíduos passam pela puberdade e iniciam a vida adulta, considerando os fatores genéticos e fisiológicos, como parte do desenvolvimento, estes parecem contribuir ainda mais para o início do transtorno por uso de substâncias (DSM-V, 2013).

Daí a importância da educação sexual para crianças e adolescentes, visando contribuir para que os mesmos possam exercer, mais tarde, a sexualidade com prazer e responsabilidade e porque esta deve ser importante para o desenvolvimento integral do indivíduo. Ou seja, com o caráter preventivo e como uma forma de educá-los, ao menos um pouco do que eles vão vivenciar pela vida afora (RIBEIRO; REIS, 2020).

Segundo o entendimento de Ribeiro e Reis (2020), a educação sexual não se deve ser encarada apenas tratar dos problemas que podem aparecer, como a gravidez na adolescência e o uso de drogas por adolescentes.

Além de encarar essas possíveis consequências, vale considerar que as crianças sem educação sexual ficam mais vulneráveis, pois não conhecem o seu corpo. E, com o advento da internet e as redes sociais ao alcance, muitas delas se deparam com o tema da sexualidade, podendo ou não trazer esclarecimento, ou ainda, abrir um caminho às informações inadequadas para cada etapa do seu desenvolvimento. Cabe aos pais essa tarefa difícil em aconselhá-los buscando e passando informações adequadas sobre o tema (MENDES, 2020).

No mesmo sentido, a Lei n.º 60/2009 de 6 de agosto, estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar. Tal educação no meio escolar tem caráter obrigatório e destina-se a todos os alunos que frequentam estabelecimentos de ensino básico e secundário da rede pública, os estabelecimentos da rede privada e cooperativa com contratos de associação, do território nacional.

Até então, a educação sexual é encarada como uma forma de prevenir possíveis abusos sexuais. Nessa linha de raciocínio, é necessário fornecer e receber o conhecimento a respeito das crianças e adolescente sobre os direitos de viver a sexualidade e as formas de violência que existem. Nesta sequência, é relevante ensinar o que é amar, sobre o afeto e a privacidade. Desse modo, haverá possibilidade da criança identificar e prevenir o abuso sexual, pois saberá diferenciar o afeto do abuso sexual e comunicará tal fato aos pais ou professores (MENDES, 2020).

Por tudo o que foi abordado até aqui, entende-se que a sexualidade precisa deixar de ser um tabu dentro do ceio familiar. Pois, só com o esforço entre a família e a escola conquistar-se-á a prevenção de consequências irreversíveis de abuso sexual. Do contrário, isso pode custar muito caro para todos os envolvidos (MENDES, 2020).

3. MÉTODO

3.1. Delineamento

Trata-se de um Projeto de Aperfeiçoamento Teórico-Prático (PATP) desenvolvido por alunos do curso de Psicologia da Faculdade IDEAU de Bagé. O PATP busca, através do ensino teórico, um aprendizado prático, proporcionando dessa forma, a formação de profissionais alinhados com o mercado de trabalho e capazes de empreender com criatividade e responsabilidade.

Dessa forma, foi realizada uma revisão de literatura a fim de construir o referencial

teórico do trabalho.

Após isso, foi realizada uma pesquisa quantitativa e exploratória, baseada na revisão das teorias estudadas relacionadas ao tema proposto.

3.2. Participantes

Após a prévia autorização dos pais ou responsáveis e da concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, também inserido no questionário online e entregues de forma física, 135 estudantes, na faixa etária de 12 a 18 anos de idade, pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP, no período de 25 a 27 de outubro de 2021, sediado em Bagé-RS.

A pesquisa de campo foi aplicada de forma híbrida (online e presencial), considerando as restrições do distanciamento social causado pela pandemia e as dificuldades de acesso à internet por parte de algumas famílias envolvidas na pesquisa.

3.3. Instrumentos

Foi utilizado o instrumento de pesquisa Google Forms, construído com base nas teorias estudadas. O questionário semi estruturado foi composto por 12 (doze) perguntas, divulgado por intermédio das redes sociais e diretamente no estabelecimento de ensino, coordenado pela diretoria escolar.

3.4. Procedimentos

O presente estudo teve seu projeto aprovado para execução pelo corpo docente da Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

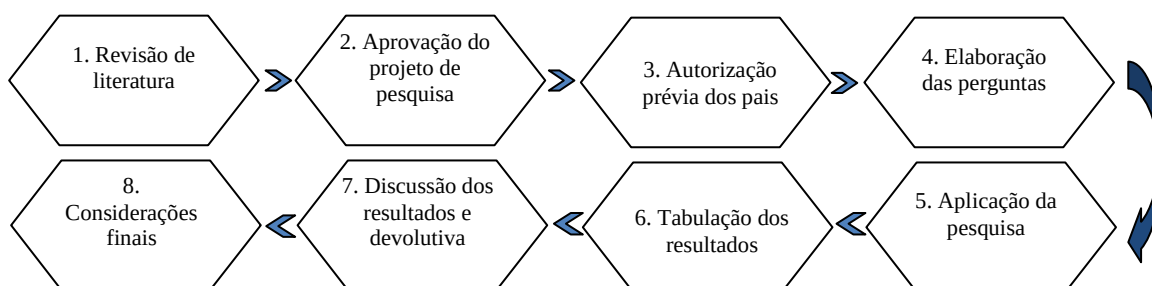
Além disso, a diretoria do CIEP solicitou aos pais a autorização prévia para que, posteriormente, os mesmos participassem da pesquisa propriamente dita.

Posteriormente, foram elaboradas as perguntas da pesquisa, baseadas na teoria estudada, no planejamento e sob a orientação do corpo docente, a qual foi aplicada de forma híbrida (formulário virtual e físico).

Por último, os resultados foram reunidos, tabulados e discutidos, finalizando com as considerações finais e posteriormente realizada a devolutiva dos resultados aos participantes, através de uma palestra pré agendada e devidamente autorizada pela diretoria do estabelecimento de ensino envolvido.

Os procedimentos adotados para a obtenção dos resultados estão melhor descritos abaixo:

Fluxograma 1- sequência dos procedimentos adotados.



4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à gravidez precoce, os resultados mostram que, 89,60% (121) dos 135 participantes afirmou conhecer meninas que engravidaram na faixa de idade entre 12 e 18 anos, 8,90% (12) negou conhecer esse tipo de caso e 1,40% (2) deixou de responder essa questão, descritos abaixo:

Tabela 1 – conhecimento de meninas que engravidaram na faixa de idade entre 12 e 18 anos.

Variável	Nº de respostas	%
Conhecem	121	89,60
Não conhecem	12	8,90
Sem resposta	02	1,40
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP.

Além disso, 89,60% (121) afirmou que acredita que, com mais informações sobre sexualidade e métodos preventivos, o índice de gravidez na adolescência diminuiria. Por outro lado, 8,90% (12) negou acreditar nisso, restando 1,40% (2) que não respondeu a pergunta.

Tabela 2 – informações sobre sexualidade e métodos preventivos diminuiria o índice de gravidez na adolescência.

Variável	Nº de respostas	%
Acreditam	121	89,60
Não acreditam	12	8,90
Sem resposta	02	1,40
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP.

Diante do exposto na Tabela 1 e na Tabela 2, constatou-se que a relação entre abuso sexual e gravidez ocorre nesta faixa etária entre os participantes desta pesquisa, tornando-se um fato que não pode ser desprezado, alinhado com o entendimento de Cabral e Brandão (2020).

Dentro desse contexto, também é importante considerar que pode haver riscos à saúde da mãe e bebê são, como prematuridade, anemia, aborto espontâneo, eclâmpsia, depressão pós-parto, segundo o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (2020).

Assim sendo, de acordo com Mendes (2020), muitos jovens podem se deparar com informações inadequadas, daí, a importância dos pais assumirem de vez essa tarefa difícil em orientá-los adequadamente sobre cada etapa do desenvolvimento adolescente.

Em se tratando de assédio e/ou abuso sexual, os resultados mostraram que 56,29% (80) do total de participantes afirmou que conhece adolescentes da mesma idade (entre 12 a 18 anos) já sofreu assédio e/ou abuso sexual, destacando-se especificamente nessa pesquisa 2,96% (4) jovens 12 anos de idade. Entretanto, 40,75% (55) dos participantes disse que não conhece, conforme o que segue:

Tabela 3 – conhecimento sobre alguém que já tenha sofrido assédio e/ou abuso sexual.

Variável	Nº de respostas	%
Conhecem	76	56,29
Conhecem*	04	2,96
Não conhecem	55	40,75
Total	135	100

Conhecem*: quatro jovens com apenas 12 anos de idade.

Fonte: pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP.

Diante do exposto na Tabela 3, confirma-se que há fortes evidências de relações sexuais não consensuais entre adolescentes de 10 a 14 anos, segundo o entendimento de Cabral e Brandão (2020), além de constatar-se que ao passar pela puberdade as jovens estão mais vulneráveis ao abuso sexual, conforme Chen et. al (2017).

Sobre o experimento de algum tipo de drogas, considerando que o álcool e o cigarro também são drogas, ou ainda sobre ter recebido oferta para usar dentro do seu grupo de amigos, 45,20% (61) dos 135 participantes afirmou que já experimentou, 53,30% (72) negou o uso e 1,50% (2) não respondeu tal pergunta. Além disso, 28,90% (39) do total disse que já recebeu oferta para utilizar, 68,90% (93) deles negou que recebeu tal oferta e 2,20% (3) não respondeu.

Tabela 4 – acesso às drogas, considerando o álcool e o cigarro.

Variável	Nº de respostas	%
Já experimentou	61	45,20
Não experimentou	72	53,30
Sem resposta de experimento	02	1,50
Total	135	100
Recebeu oferta	39	28,90
Nunca recebeu oferta	93	68,90
Sem resposta de oferta	03	2,20
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP.

Diante do exposto na Tabela 4, evidenciou-se que há indícios de abuso de drogas por parte dos adolescentes envolvidos nesta pesquisa, pois, segundo o DSM-V (2013), à medida

que tais indivíduos passam pela puberdade e iniciam a vida adulta, fatores genéticos e fisiológicos podem contribuir ainda mais para o início de um possível transtorno por uso de substâncias.

A respeito de seu conhecimento sobre sua orientação sexual, 91,12% (123) deles (135 participantes) afirmaram que possui conhecimento, porém, 6,66% (9) do total disse que não e 2,22% (3) não deixou resposta.

Tabela 5 – conhecimento sobre orientação sexual.

Variável	Nº de respostas	%
Possuem conhecimento	123	91,12
Não possuem conhecimento	09	6,66
Sem resposta	03	2,22
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP.

Diante do exposto na Tabela 5, em relação ao não conhecimento sobre a orientação sexual de 6,66% (09) dos participantes, constata-se que há possibilidade destes estarem em situação de vulnerabilidade, de acordo com Mendes (2020), principalmente com o advento da internet e as redes sociais, visto que muitas delas podem se deparar com informações inadequadas para cada etapa do seu desenvolvimento.

Para facilitar esse desenvolvimento, é importante que os pais contribuam com isso, proporcionando que seus filhos amadureçam da melhor forma (DE SANTANA, et al, 2021a).

Em conformidade com a pesquisa aplicada e com relação à sexualidade, 46,70% (63) dos 135 adolescentes declarou que conversaria com seus pais, 25,18% (34) com seus amigos, 8,15% (11) com outros (desconhecidos), 17,77% (24) disse que não falaria com ninguém sobre o assunto supramencionado e 2,20% (3) não deixou resposta nessa questão, conforme o que segue:

Tabela 6 - liberdade de conversa sobre sexualidade.

Variável	Nº de respostas	%
Com os pais	63	46,70
Com os amigos	34	25,18
Outros	11	8,15
Não falaria com ninguém	24	17,77
Sem resposta	03	2,20
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP.

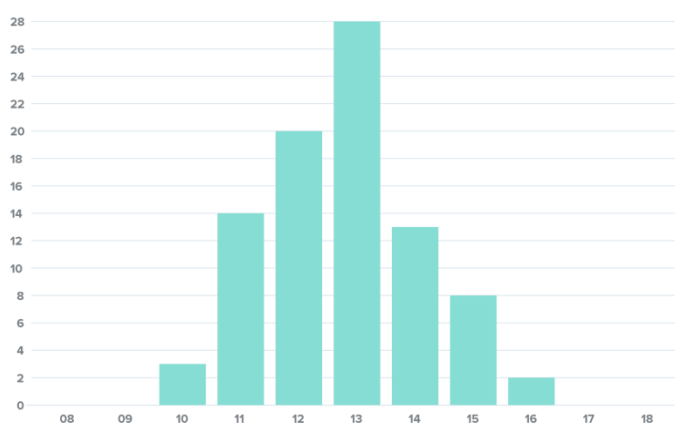
Diante do exposto na Tabela 6, nota-se que, tal resultado corrobora com o que afirma Mendes (2020), a respeito da necessidade de educação sexual aos jovens adolescentes sobre os direitos de viver a sexualidade e as formas de violência que existem. Isso também é uma forma de prevenir possíveis abusos sexuais. Por isso, é relevante ensinar o que é amar, sobre o

afeto e a privacidade. Assim, a criança saberá identificar e prevenir o abuso sexual, por exemplo.

A respeito da percepção da perda do corpo infantil, 0,74% (1) dos 135 participantes afirmou que, com apenas 8 anos de idade, já havia percebido a perda do seu corpo infantil, 0,74% (1) percebeu isso com 9 anos, 3,70% (5) com 10 anos, 14,07% (19) com 11 anos, 20,74% (28) com 12 anos, 28,88% (39) com 13 anos, 13,33% (18) com 14 anos, 8,88% (12) com 15 anos, 2,22% (3) com 16 anos, 0,74 % (1) com 17 anos e 0,74% (1) com 18 anos. Entre essas respostas, 1,48% (2) dos participantes fez questão de destacar o seguinte: *“percebi isso quando alguém olhou para mim com outros olhos, com olhos que eu não gostaria”* e o segundo afirmou que notou que isso ocorreu *“quando disseram que eu tinha que colocar sutiã”*. Do total (135), apenas 3,70% (5) deixaram de responder essa questão.

Com isso, concluiu-se que a maioria dos participantes perceberam o início da puberdade, marcada pela perda do corpo infantil e fenômenos fisiológicos que compreendem as mudanças corporais e hormonais, entre 8 e 13 anos de idade, independentemente do sexo, confirmando o que diz o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990), no que diz respeito aos adolescentes, o jovem que possui entre doze e dezoito anos de idade. Conforme o exposto na figura 1:

Figura 1 – percepção da perda do corpo infantil.



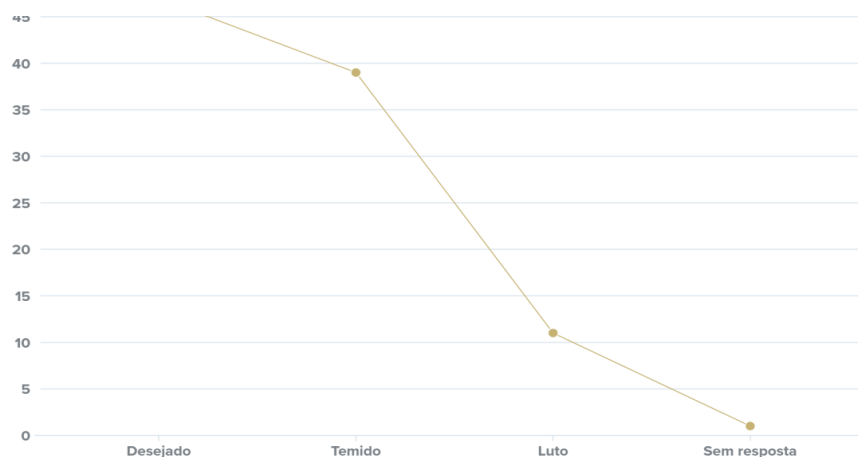
Fonte: pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP.

No entendimento de Papalia e Feldman (2013), a divisão do ciclo de vida em períodos é uma invenção de uma determinada cultura ou sociedade, visto que não há nenhum momento objetivamente definível em que uma criança se torna adulta ou um jovem torna-se velho.

Sobre o fato de deixar de ser criança e “entrar no mundo dos adultos”, 47,40% (64) dos 135 participantes afirmou que foi algo desejado, porém 39,25% (53) disse que foi algo

temido, 11,85% (16) viveu isso como se fosse um luto e 1,50% (2) não responderam, conforme o representado abaixo:

Figura 2 – representação do fato de deixar de ser criança e "entrar no mundo dos adultos".



Fonte: pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP.

Diante do exposto na figura 2, concluiu-se que, apesar de ser bastante desejada, a nova identidade de “não mais criança” também pode trazer responsabilidades que impactam diretamente na nova identidade. Diante disso, notou-se que isso é um fato que pode ser tanto desejado quanto temido, devido a perda definitiva de sua condição de criança. Além disso, há, em menor proporção, a vivência de um luto pela perda do corpo e da identidade de uma criança, considerando a diferença da relação com os pais na infância e na adolescência. Em suma, tal resultado confirma a teoria de segundo Aberastury e Knobel (1981) (MEIRELLES, 2021).

Assim, segundo Ferreira e Nelas (2016), o jovem transita entre a ligação de dependência que possui com seus pais e a vontade de ser independente.

Sobre os assuntos questionados (gravidez precoce, abuso sexual, drogas e orientação sexual), abordados nesse estudo e pesquisa exploratória, 72,59% (98) acha que teria liberdade conversar com seus pais abertamente, 26,66% (36) afirmou que não teria tal liberdade e menos de 1% (1) deixou de responder.

Tabela 7 – liberdade para conversar sobre gravidez precoce, abuso sexual, drogas e orientação sexual.

Variável	Nº de respostas	%
Acham que teriam liberdade	98	72,59
Acreditam que não teriam liberdade	36	26,66
Sem resposta	01	0,75
Total	135	100

Fonte: pesquisa de campo em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP.

Assim, observando esses resultados, percebe-se que há indícios de que nem todos os participantes dessa pesquisa possuem a liberdade de tratar com os pais desses assuntos. Por isso, considerando tudo o que foi abordado, entende-se que a sexualidade, por exemplo, precisa deixar de ser um tabu dentro do ceio familiar. É necessário que haja o esforço entre a família e a escola para prevenir que haja de consequências irreversíveis na vida do jovem (MENDES, 2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou descrever a adolescência, sob as perspectivas biopsicossociais e seus desafios. Os principais resultados tabulados e descritos nesse estudo mostraram que a gravidez precoce ocorre com jovens que ainda não atingiram seus 20 anos de idade além de haver indícios de vulnerabilidade ao abuso sexual dentro dessa faixa etária; também foi possível compreender que há possibilidade de abuso de drogas por parte dos adolescentes; que a maioria dos participantes ainda sente liberdade de conversar sobre essas questões com seus pais, por outro lado, algumas respostas mostraram ainda existir certa insegurança para tratar de tais assuntos com total liberdade; que existe grande variabilidade no tempo de início, duração e progressão do desenvolvimento puberal; e, que “sair do mundo das crianças e entrar no dos adultos” é um fato que pode ser algo desejado, temido ou até mesmo um luto para alguns jovens.

Com base nesse estudo, percebeu-se que a maioria dos adolescentes precisam de orientação objetiva e clara, para que determinem critérios de causa e efeito frente aos seus atos. Os jovens, por não estarem informados ou amparados pelas informações dos adultos, podem aprender com fontes não tão confiáveis e espalhar informações inadequadas com preconceitos que acabam contribuindo para que as experiências sexuais possam condicionar a riscos.

Em suma, essas características das adolescência precisam chegar aos próprios adolescentes. Por conta disso, existe a necessidade da sociedade compreender melhor a importância da família no processo de formação da sexualidade de seus filhos, com o diálogo aberto e sem preconceitos entre eles. É essencial considerar que tanto a família quanto a escola, bem como os profissionais de saúde podem contribuir para que adolescentes vivenciam a sexualidade e suas relações afetivas de forma natural, satisfatória, sem sentimento de culpa e sem riscos.

Em suma, vale ressaltar que essa pesquisa limitou-se com o tamanho da amostra

utilizada (135 participantes) de uma região específica (Bagé-RS) na coleta de dados. Com isso, as constatações aqui apresentadas não podem ser generalizadas e que as mesmas são percepções específicas do universo participante.

Por fim, concluiu-se que, para evitar ou mitigar os danos gerados pela falta de conhecimento sobre os aspectos dessa fase da vida, é necessário haver esforços da família e o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para que as escolas apoiem os jovens dessa fase com esclarecimentos sobre suas dúvidas e dificuldades a respeito da sexualidade, da orientação sexual, da importância da prevenção ao uso de drogas, inclusive álcool e cigarro e da gravidez precoce, através de palestras semelhante à devolutiva dos resultados dessa pesquisa que foi realizada, visando a conscientização e prevenção aos fatores de riscos à saúde física e mental dos jovens adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal. Um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes médicas, 1981.

BRASIL. LEI Nº 13.798, de 3 de janeiro de 2019. Acrescenta art. 8º-A à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para instituir a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência.

BRASIL. LEI Nº 60/2009, de 6 de agosto de 2009. Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar.

BRASIL. Lei 13.257 de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

CABRAL, Cristiane da Silva; BRANDÃO, Elaine Reis. **Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa**. Cadernos de Saúde Pública, p. 1, 2020.

CALABRIA, Andrew. MD, **Puberdade Atrasada**. The Children's Hospital of Philadelphia. Philadelphia, 2020. Acesso em: 12 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/problemas-de-sa%C3%BAdo-infantil/dist%C3%BArbios-hormonais-em-crian%C3%A7as/puberdade-atrasada>

CHEN, F. R.; ROTHMAN, E. F.; JAFFEE, S. R. **Early puberty, friendship group characteristics, and dating abuse in US girls. Pediatrics**, v. 139, n. 6, p. e20162847, 2017.

CONASS – Conselho Nacional de Secretários de Saúde - Núcleo de Atenção à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente. Saúde alerta para riscos da gravidez na adolescência. 2020. <https://www.conass.org.br/saude-alerta-para-riscos-da-gravidez-na-adolescencia/>

DSM-V, **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, da Associação Americana de Psiquiatria (AAP), 2013. p. 554.

DALLO, Luana e MARTINS, Raul Aragão. **Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2018, v. 23, n. 1 [Acessado 2 Dezembro 2021], pp. 303-314. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018231.14282015>.

DE SANTANA, C. M. L. de; DOMINGOS, L. F.; MONTEIRO CAMPOS, L. A.; ZANATTA, C.;CORDEIRO TELLES, L. A contribuição da Teoria de Schutz para a Terapia Familiar.RECIMA21 -Revista Científica Multidisciplinar, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 242-274,2021a.DOI: <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i4.274>

FERREIRA, M.; NELAS, P. B. **Adolescências... Adolescentes...Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health**. v. 32, p. 141-162, 2016.

MENDES, Margarida. **A partir de que idade devemos falar de sexo com as crianças?** 2020. [Acessado 2 Dezembro 2021]. Disponível em: <https://www.atlasdasaude.pt/artigos/partir-de-que-idade-devemos-falar-de-sexo-com-criancas>

MEIRELLES, Marcelo. **Os Três Grandes Lutos e a Síndrome da Adolescência Normal**. 2021. Disponível em <http://www.adolesc.com.br/os-tres-grandes-lutos-e-a-sindrome-da-adolescencia-normal/> acessos em 02 dez. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto, estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar.

PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano**, 12 Edição – 2013.

PARAZZI, Marcelo. O USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA. 2021. Disponível em: <https://www.marceloparazzi.com.br/blog/o-uso-de-drogas-na-adolescencia> acessos em 02 dez. 2021.

PORTO CC. Semiologia Médica. 8ª ed. Grupo GEN, 2019; 1269.

Revista Educação. **John Bowlby e a importância do apego no processo de desenvolvimento da criança**. 2017, Ee. 245. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2017/12/15/john-bowlby-e-importancia-do-apego-no-processo-de-desenvolvimento-da-crianca/> acessos em 02 dez. 2021.

RIBEIRO, M., & REIS, W. . (2020). EDUCAÇÃO SEXUAL: O TRABALHO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 18(2). <https://doi.org/10.35919/rbsh.v18i2.389>

ROSA, M. D.; CARMO-HUERTA, V. O que resta da adolescência. *Estilos da Clínica*, v. 25, n. 1, p. 5-20, 2020. DOI:10.11606/issn.1981-1624.v25i1p5-20

SILVA, Sergio Gomes da. Do feto ao bebê: **Winnicott e as primeiras relações materno-infantis**. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro , v. 28, n. 2, p. 29-54, 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 dez. 2021.

ANEXO 1

1. Após a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido o (a) senhor (a) aceita participar deste estudo?

☐ Sim ☐ Não

2. Qual a sua idade?_____

3. Conhece meninas que engravidaram na faixa de idade entre 12 e 18 anos?

☐ Sim ☐ Não

4. Você acha que, quanto mais cedo uma pessoa tem informações sobre sexualidade e métodos preventivos, iria diminuir o índice de gravidez na adolescência?

☐ Sim ☐ Não

5. Conhece alguém da sua idade que já sofreu assédio/ abuso sexual?

☐ Sim ☐ Não

6. Você já experimentou algum tipo de drogas, considerando que o álcool e o cigarro também são drogas?

☐ Sim ☐ Não

7. Dentro do seu grupo de amigos, alguém já te ofereceu drogas?

☐ Sim ☐ Não

8. Se você estivesse dúvidas sobre sua sexualidade com quem você conversaria?

☐ Pais ☐ Amigos ☐ Outros ☐ Não falaria com ninguém sobre

9. Você tem conhecimento sobre sua orientação sexual?

☐ Sim ☐ Não

10. Com qual idade você sentiu que o seu corpo já não era mais infantil?_____.

11. Deixar de ser criança e "entrar no mundo dos adultos", para você, foi algo:

☐ Desejado ☐ Temido ☐ Um luto

12. Sobre os assuntos questionados (gravidez precoce, abuso sexual, drogas e orientação sexual), você acha que teria liberdade conversar com seus pais abertamente?

☐ Sim ☐ Não